



**RELATÓRIO FOTOGRÁFICO  
COM DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES  
SEMINÁRIO *CONSENSO SOBRE A  
GESTÃO DO CONHECIMENTO***

**São Paulo - 12 de março de 2012**

**Projeto Redefinindo Paz - Violência Doméstica:  
Construção de Metodologia de  
Educação Popular Feminista  
específica para trabalhar com mulheres e homens**

**Fotos e Edição: Vera Vieira**

# **SEMINÁRIO *CONSENSO SOBRE A GESTÃO DO CONHECIMENTO***

## **São Paulo - 12 de março de 2012**

### **Objetivos:**

- ➡ Apresentação das atividades desenvolvidas em 2011, de acordo com as premissas da metodologia de educação popular feminista: trabalho da equipe de especialistas, produção de materiais, ações pré, durante e pós-oficinas.
- ➡ Reflexão sobre os passos da construção coletiva do conhecimento visando à especificidade de uma metodologia para trabalhar com mulheres e homens a questão da violência doméstica.
- ➡ Reflexão sobre o real entrelaçamento dos conceitos de paz ampliada, relações sociais de gênero, masculinidades, perspectivas de raça/ etnia, orientação sexual, localização geográfica, geracional.
- ➡ Sistematização dos principais aspectos do consenso sobre a construção coletiva em 2011, bem como as sugestões para a continuidade do processo em 2012.

#### **realização**



#### **parceria**



#### **apoio**



#### **patrocínio**





O Seminário contou com a participação de 31 pessoas (sendo 23 mulheres e 8 homens), entre especialistas do projeto, participantes das atividades descentralizadas (Porto Alegre/RS, Macapá/AP e São Bernardo do Campo/SP), comentaristas, convidadas e representantes da patrocinadora Petrobras (José Aparecido Barbosa - Gerente Regional de Comunicação, e Grasiele Vivas, da Comunicação Institucional), além do diretor do Instituto Avon, Lírio Cipriani.



A mesa de abertura foi composta por Clara Charf, presidente da Associação Mulheres pela Paz (AMP), José Aparecido Barbosa, Gerente Regional de Comunicação da Petrobrás, e Lírio Cipriani, diretor do Instituto Avon.

Clara ficou emocionada novamente ao ver um público composto por mulheres e homens em busca de formas inovadoras no enfrentamento da violência contra a mulher. “Comecei a militar no movimento de mulheres desde a II Grande Guerra Mundial, e só agora vivencio um trabalho pela mesma causa unindo ambos os sexos”, ressaltou ela, pedindo uma salva de palmas para todas e todos.

Declarou estar muito contente com o fato de ter um companheiro da Petrobras presente, pois trata-se de uma empresa que vem apoiando o trabalho da AMP há anos e, pela primeira vez, tem uma presidente mulher - Maria das Graças Silva Foster.



José Aparecido Barbosa iniciou sua fala destacando que a Petrobras foi criada a partir do movimento social, tendo o então deputado Marighella [ex-companheiro de Clara Charf, assassinado durante a ditadura militar] como um dos autores da lei de criação da empresa.

Para ele, “a luta pela não-violência, pela paz, é um exemplo para toda a sociedade, para nossos filhos e nossos netos. Da mesma forma que a Petrobras é uma grande empresa que conquista e vence desafios, colocando-se vitoriosa e transformadora do Brasil,

a luta contra a violência à mulher se dá no cotidiano em busca de um mundo melhor.

Se hoje temos uma presidente no Brasil [Dilma Rousseff] e uma presidente na Petrobras, é porque houve décadas de luta pela democracia”.

Também oriundo do movimento social, Barbosa esclareceu que a Petrobras tem muita honra em apoiar projetos como esse, mas, que se trata de uma iniciativa recente, a partir do governo Lula. Ao observar os guardas civis presentes no seminário, Barbosa enfatizou que “a guarda civil, quando atua de forma positiva contra a violência, quando tem uma postura diferenciada - não de policial, mas, de parceiro, de cidadão -, contribui efetivamente para criar uma nova cultura. Nós, empresas, que temos uma posição e uma atitude diferente, estamos contribuindo para mostar às pessoas que é possível viver em harmonia e coletivamente, sem o grave problema do individualismo.

Vamos construir um mundo melhor, quando as pessoas tiverem atitudes diferentes”, finalizou ele.



Lírio Cipriani iniciou sua fala ressaltando uma iniciativa do governo federal, por meio da ministra Eleonora Menicucci, da Secretaria de Políticas para Mulheres, que, nesta data, assinava um termo de cooperação para consolidação e fortalecimento das ações de enfrentamento à violência contra a mulher, para o estado da Paraíba. Ressaltou que “a Avon e o Instituto Avon sentem-se honrados com o fato da Avon Foundation, dos EUA, estar apoio a iniciativa da AMP, em consonância com a campanha

“Fale sem medo - não à violência doméstica”,

no sentido de erradicar todos os meios de violência. “Essa causa foi abraçada em 2004, tendo sido direcionados 40 milhões de dólares. No Brasil, nós iniciamos essa campanha de apoio a projetos somente em 2008. O impacto positivo dos nossos investidores, inclusive no Brasil, só é possível graças às parcerias das organizações da sociedade civil, como esta.

Lírio destacou que “a violência doméstica continua destruindo vidas e famílias, porque muita gente ainda considera este um assunto privado”.

Finalizou parabenizando “a todos e todas que trabalham arduamente para salvar vidas e para construir um mundo que nós esperamos que seja melhor no futuro.

Sabemos que os direitos das mulheres são direitos humanos, e que o ciclo da violência precisa ser quebrado.

E o tempo para essa mudança é agora”.



Em seguida, Vera Vieira, diretora-executiva da Associação Mulheres pela Paz, apresentou toda a trajetória do projeto, indo desde à concepção, passando pelo processo de construção das parcerias nacionais e locais, até o detalhamento da riqueza de conteúdo específico de cada região e dos resultados preliminares que indicam algumas diretrizes e ferramentas da metodologia em construção.

Mesmo sabendo que a violência contra a mulher ocorre em diversos espaços, trata-se de uma metodologia específica para trabalhar com mulheres e homens a questão da violência doméstica, como bem explicita o título do projeto, considerando-se que 70% das vítimas são mulheres que enfrentam essa cruel realidade dentro de quatro paredes.

Ela destacou a importância de seguir os passos previstos na metodologia de educação popular feminista, que prima pela construção coletiva do saber, “com as pessoas e não para as pessoas”, o que garante um processo democrático em todas as etapas.

Também explicou que as oficinas terão continuidade em 2012, visando abranger as regiões Nordeste (Fortaleza-CE) e Centro-Oeste (Cuiabá), além de buscar aprimorar o foco específico desta metodologia, considerando a riqueza e peculiaridade de um país com dimensão continental como o Brasil.

Uma cópia detalhada da apresentação em Power-Point encontra-se anexa.



Para o aprofundamento das reflexões, foi proposto trabalho em cinco grupos: participantes de Porto Alegre, de Macapá e de São Bernardo do Campo; especialistas; convidadas e comentaristas. Cada grupo discutiu e sistematizou, para apresentação em plenária, aspectos como as similaridades e as peculiaridades percebidas em cada região; o entrelaçamento dos conceitos-chave de paz ampliada, relações de gênero, masculinidades, violência doméstica e perspectivas étnico-racial, de orientação sexual e geracional, além do embasamento nos princípios da metodologia de educação popular feminista. O rico resultado desse trabalho reforçou as bases para as primeiras diretrizes e ferramentas da metodologia ora em construção.





A equipe de especialistas, representada por Beatriz Cannabrava e Maria José Lopes Souza, destacou o seguinte:

- 1) Principais aspectos da etapa preparatória: abertura do projeto para pessoas com diferentes experiências, mas tendo em comum a prática do trabalho com educação popular, para pensar a metodologia e a estratégia de ação; definição do material de apoio; socialização de contatos nas diferentes regiões.
- 2) Aspectos mais significativos das atividades locais: em comum, a capacidade organizativa e de similaridades, mobilização e demonstração de compromisso com a proposta; como peculiaridade, percebe-se que cada evento trabalhou o material de apoio de acordo com a realidade local e regional, agregando expressões da cultura própria.
- 3) Real entrelaçamento dos conceitos-chave: considera-se que houve um despertar para a consciência de que os quatro conceitos-base do projeto são inseparáveis.
- 4) Especificidade no processo de construção: a introdução e o entrelaçamento dos conceitos de paz ampliada e de masculinidades com o conceito de violência de gênero; realização das três atividades num processo complementar e interativo com a Exposição 1000 Mulheres pela Paz ao Redor do Mundo (inauguração com painel temático e lançamento local do livro Brasileiras Guerreiras da Paz, com a presença do público em geral) que, com o investimento de envolver a mídia, criou um fato político.



O grupo de Porto Alegre, representado por Ana Lúcia Dagord, Carolina Cerveira e Maria Luísa Pereira, destacou:

- 1) Representatividade das organizações governamentais e não-governamentais: a oficina contou com representantes do poder público - profissionais do Juizado de Violência Doméstica e Familiar, Secretaria Estadual de Políticas para Mulheres, Secretaria Municipal de Direitos Humanos, Secretaria Municipal de Saúde, Coordenação Municipal da Mulher -, e da sociedade civil organizada - movimento feminista, LGBT, popular, negro, organizações de defesa de direitos de crianças e adolescentes. Um grupo composto por mulheres e homens, jovens e da terceira idade, caracterizado pela diversidade racial, representantes de associações comunitárias, universidade, entidades de classe, outros campos de defesa de direitos. Houve, ainda, a combinação da participação de organizações com importante atuação local e outras com atuação nacional e internacional, o que enriqueceu muito o processo.
- 2) Dificuldade de ter 50% de presença masculina: a questão da violência ou da não-violência é um tema que ainda sensibiliza, interpela e mobiliza mais às mulheres do que aos homens. Soma-se a isso, o fato de o enfrentamento à violência ainda se associar à responsabilização das mulheres para tal. É um desafio urgente identificar e fazer uso de novas formas de comunicação para o alcance da juventude e dos homens, ampliando a capacidade de construir diálogos, práticas conjuntas, com novas linguagens (novas tecnologias), em rede, entrecruzando lutas e temáticas.
- 3) Ineditismo da proposta: a temática da oficina, que introduz um conceito ampliado de paz associado ao enfrentamento à violência doméstica; a diversidade do grupo participante enquanto proposta metodológica; a inclusão de homens no debate e no processo de construção conjunta ainda é inovador, uma vez que se coloca como um desafio a ser perseguido.
- 4) Foco de maior impacto: a participação de Clara Charf causou grande impacto, tanto pelo discurso quanto pela presença viva de uma grande mulher construtora da paz. A intervenção de um homem (Marcos Nascimento) também foi representativa no que se refere à construção conjunta das novas relações de paz. É importante destacar que a proposição de uma cultura de paz não pode diluir as violações de direitos decorrentes de um sistema econômico, político, patriarcal, machista, heterossexista, branco, violento. Nesse sentido, considera-se que a oficina conseguiu abranger todas estas questões que se retroalimentam e afetam as pessoas e os grupos sociais de forma diferenciada.
- 5) Peculiaridade regional: a violência contra as mulheres é um fenômeno social, cultural, que atinge a todas de diferentes formas, acirrando processos de desigualdades segundo categorias identitárias. Possui uma raiz comum (relações de poder e posse) que pode assumir formas diferentes de acordo com as características regionais. Existe uma cultura local calcada num modelo de masculinidade regional, arraigado e reforçado por rituais folclóricos, sendo as mulheres percebidas num espaço subalterno. A influência histórica das igrejas católica e luterana na cultura local, assim como atualmente as neopentecostais, são fatores determinantes na construção de uma postura de aceitação de violências, assim como a culpabilização em relação a elas.



O grupo de Macapá, representado por Josiane da Silva Ferreira e Kleber Pinto Garcia Cavalcante, destacou:

- 1) Representatividade das organizações governamentais e não-governamentais: sim, abarcando aquelas que trabalham diretamente com a comunidade, onde é possível implementar a metodologia, disseminando-a no coletivo.
- 2) Dificuldade de ter 50% de presença masculina: militantes e autoridades do sexo masculino foram convidadas, mas, não compareceram em grande número apesar da ênfase na importância da participação.
- 3) Ineditismo da proposta: por considerar essenciais as experiências locais no processo de construção da metodologia; por agregar a Exposição 1000 Mulheres pela Paz ao Redor do Mundo, o que possibilita a participação do público em geral e atrai os meios de comunicação de massa; por apresentar o conceito ampliado de paz; por tratar da questão da orientação sexual.
- 4) Foco de maior impacto: a questão indígena, já que eram desconhecidas as realidades do alto índice de alcoolismo e do machismo nas aldeias, o trato com as mulheres e a questão da orientação homossexual.
- 5) Peculiaridade regional: tráfico de mulheres, em função de ser um estado fronteiriço com a Guiana Francesa e o Suriname.



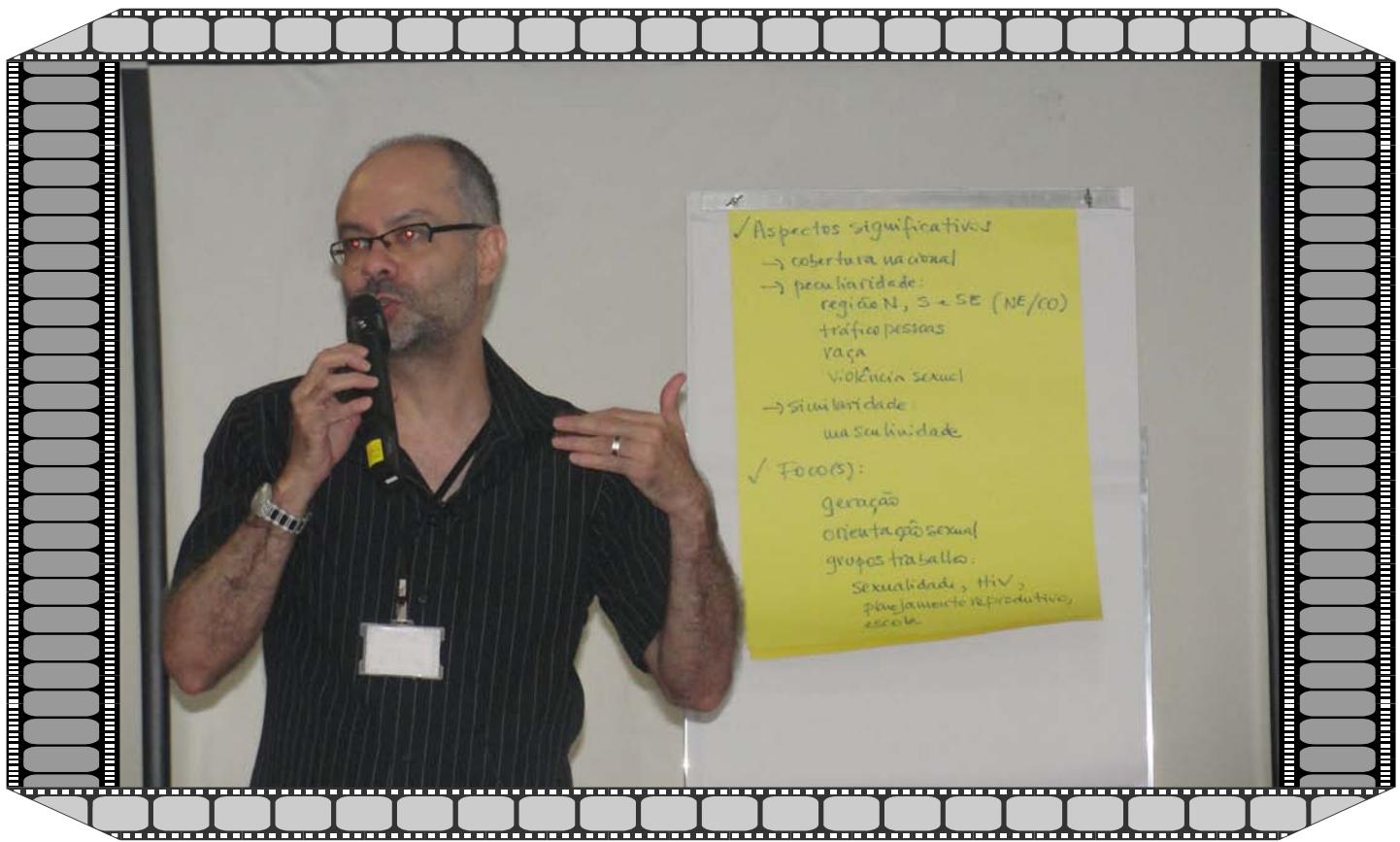
O grupo de São Bernardo do Campo, representado por Maria Cristina Pachecol, Flávio Urra e pelos guardas municipais Denilson Amador da Silva e Nivaldo Toledo da Silva, destacou:

- 1) Representatividade das organizações governamentais e não-governamentais: sim, houve participação regional diversa do poder público e da sociedade civil, incluindo pessoas das sete cidades da região: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.
- 2) Dificuldade de ter 50% de presença masculina: o convite deveria ser mais direcionado para entidades mistas ou masculinas, incluindo times de futebol de várzea.
- 3) Ineditismo da proposta: a estratégia de ter homens levando a discussão para homens tem efeito potencializador; a linguagem utilizada para aproximar e não para romper o diálogo; o homem se vê contemplado na discussão, pois não se vê como vidraça, mas, como parte da solução do problema.
- 4) Foco de maior impacto: a questão do aborto inseguro foi o que causou maior impacto; o clima de energia positiva e de troca.
- 5) Peculiaridade regional: os “filhos do Rodoanel”, o “pancadão” [baile funk] e a prostituição.



O grupo de convidadas, composto por Angela Fioravante, Cida Medeiros, Danizi Dagmar, Hilda Fadiga, Inês Meneguelli, Lucilene Cruz, Maria Aparecida Lima, Maria Almeida, Maria José e Paula Prates, destacou:

- 1) Aspectos positivos: a utilização dos mecanismos da metodologia de educação popular com o conceito da cultura de paz ampliada; o processo democrático de construção; o respeito ao saber local.
- 2) Limitações: ressignificação da linguagem; maior visibilidade em termos massivos.



O comentarista Marcos Nascimento, que é doutor em Saúde Coletiva e tem larga experiência na atuação junto a grupos de homens para tratar das relações sociais de gênero com ênfase na questão das masculinidades, destacou:

O primeiro ponto a ser destacado é a visão que o projeto traz de inclusão dos homens nos esforços de enfrentamento da violência contra as mulheres. Quando o cartaz do projeto diz “Homens sejam bem-vindos” inaugura-se uma proposição de não rotular que todo e qualquer homem seja violento, mas que eles podem (e devem) ser incluídos como parceiros nesse trabalho.

Um resgate importante que o projeto traz é a união entre a educação popular e a perspectiva feminista, e isso deve ser ressaltado.

A cobertura nacional do projeto deve ser valorizada. As especificidades que apareceram em cada oficina: tráfico de mulheres, violência sexual, racismo são alguns desdobramentos que o projeto poderá trabalhar no futuro. E cada um deles é por si só um tema importante de trabalho.

Um ponto a ser sugerido é a atenção para as gerações mais jovens. Essa atenção está baseada em dados de pesquisas recentes como a da Fiocruz, realizada em dez capitais brasileiras, sobre a violência nas relações de namoro. Esse ponto é importante porque quando se referem à violência doméstica, imagina-se uma mulher casada, com filhos e numa relação estável. As meninas e mulheres jovens muitas vezes também são expostas a situações de violência, confundindo o “controle” exercido por seus namorados como uma expressão de “cuidado”.

Outro ponto que merece atenção em desdobramentos do projeto é a articulação do tema da violência doméstica com outras agendas de trabalho como planejamento reprodutivo, prevenção do HIV, sexualidade. Essas agendas, muitas vezes, não prestam a devida atenção ao tema da violência de gênero. Perdem-se, com isso, oportunidades importantes para o seu enfrentamento.

# RESUMO PRELIMINAR DAS DIRETRIZES E FERRAMENTAS DE UMA METODOLOGIA ESPECÍFICA PARA TRABALHAR A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA COM MULHERES E HOMENS

## D I R E T R I Z E S

- ➡ Linguagem imagética e escrita inclusiva e amigável, para atrair homens e mulheres em uma temática em que elas são as vítimas e eles são os agressores (90% dos casos).
- ➡ Realização de parcerias nacionais, com especialistas nos principais conceitos que se entrelaçam na metodologia de educação popular. Devem participar de todo o processo de construção, durante os dois anos, analisando e avaliando as atividades locais.
- ➡ Realização de parcerias locais, tanto com organizações governamentais como com não-governamentais, cobrindo a rede de serviços no enfrentamento à violência contra a mulher e também públicos estratégicos, como universidades e meios de comunicação de massa.
- ➡ Construção do programa da oficina em conjunto com as principais lideranças locais, as quais também serão responsáveis por atuar como facilitadoras dos focos temáticos mais pertinentes à região. Tais facilitadoras se unem às da Associação Mulheres pela Paz, para um real entrelaçamento dos conceitos a serem trabalhados. Este trabalho é feito um mês antes, em reunião presencial. É fundamental que o programa respeite o recorte de gênero, raça, etnia, orientação sexual e geração.
- ➡ Definição conjunta da lista de participantes, que deve incluir as principais lideranças efetivas ou potenciais, com poder de multiplicação, de ambos os sexos. Dedicar esforço no sentido de atrair mais de 20% de participantes do sexo masculino, por meio de convite a entidades mistas ou masculinas. Também deverá respeitar o recorte de raça, etnia, orientação sexual e geração. Este último recorte necessita de maior atenção, considerando-se o aumento da violência entre jovens casais de namorados.
- ➡ Concretização dos princípios da educação popular feminista, também no transcorrer dos dois dias de oficina, com dinâmicas de sensibilização e construção coletiva do saber, considerando a visão local, para inserção no contexto nacional, regional e global - e vice-versa.
- ➡ Entrelaçamento dos conceitos-chave do projeto, que são: educação popular feminista, paz ampliada (Resolução 1325 da ONU), relações sociais de gênero, masculinidades, violência doméstica, com recorte de gênero, raça, etnia, orientação sexual e geração.
- ➡ Realização de seminário final reunindo representantes de todas as regiões brasileiras, para lançamento do instrumento final de multiplicação (livro) e consenso sobre o processo de multiplicação Brasil afora.

## F E R R A M E N T A S

- ➡ Cartaz com linguagem imagética e escrita estrategicamente pensada para ser inclusiva.
- ➡ Folder com linguagem imagética e escrita inclusiva, com explicações diretas, objetivas e de fácil entendimento sobre as raízes da construção cultural de gênero, que tem na violência doméstica a mais forte expressão das desigualdades.
- ➡ Caderno de Educação Popular Feminista, contendo as sugestões de aprofundamento para os diversos focos da metodologia, que é enriquecida com o saber de cada localidade.
- ➡ Dinâmicas de sensibilização que inserem a cultura local.
- ➡ A realização conjunta da Exposição 1000 Mulheres pela Paz ao Redor do Mundo se traduz em uma ferramenta estratégica para abranger um público muito mais amplo e a cobertura dos meios de comunicação de massa.